



**V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo: TERRITÓRIO, PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E CONFLITO

**O Coletivo de Mulheres Camponesas: relatos, vivências e
resistência**

Barbara Hawthorne Cordeiro ¹

Resumo.

O objetivo desse trabalho é descrever o trabalho de campo² realizado no Assentamento Eli Vive II, destacando o Coletivo de Mulheres Camponesas. Trata-se de um relato descritivo-reflexivo. Foram discutidos o território, seu uso, as relações de poder inerentes ao modo de produção capitalista, demonstrando que o território vai além de um espaço geográfico, sendo um espaço de luta, abrangendo aspectos culturais, históricos, sociais, multifacetado e complexo.

Palavras-chave: Território; Lugar; Assentamento rural; Coletivo de Camponesas.

Abstract:

The objective of this article is to describe the fieldwork conducted in the Eli Vive II Settlement, highlighting the Peasant Women's Collective. It is a descriptive-reflective account. Topics such as territory, its usage, and the power relations inherent in capitalist mode of production were discussed, demonstrating that territory extends beyond a geographical space, being a space of struggle encompassing cultural, historical, and social aspects, multifaceted and complex.

Keywords: Territory; Place; Rural Settlement; Peasant Collective.

1. INTRODUÇÃO

Os territórios mantêm suas peculiaridades, particularidades e suas ruguras históricas, que podem ser positivas ou negativas do ponto de vista social. Sua historicidade é construída

¹ Mestranda do programa de Pós-graduação em Serviço Social e Política Social, Universidade Estadual de Londrina, e-mail: barbara.hawthorne@uel.br

² Trabalho de Campo da Disciplina TÓPICOS ESPECIAIS EM POLÍTICA SOCIAL: A lógica territorial na gestão das políticas sociais, ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social e Política Social da Universidade Estadual de Londrina.



por meio de mudanças ou episódios que marcam determinado período, assim como suas determinações futuras.

Nesse sentido, o território sobre todas as marcas deixadas pelo seu percurso que as pessoas vão construindo em seus espaços, é muitas vezes sobre marcas duríssimas do passado que se constroem novas formas de se relacionar e viver dentro de um território.

As determinações e relações que se formam nesse contexto podem estar ligadas a um fato em si, que de certa forma, uniu um lugar pela dor ou pela necessidade de superação do ocorrido.

Assim, concordamos com Santos (1994) quando afirma que é o uso do território (econômico, sobretudo) e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social. Pois, a utilização do território pelo povo cria o que ele chama de “território usado” ou “território vivido”, entendido como sinônimo de espaço humano, habitado. O uso do território, por sua vez, se dá pela dinâmica dos lugares, que definem usos e geram valores de múltiplas dimensões: cultural, econômica e social.

Na contemporaneidade urge desvendar um cenário que revela a necessidade de se refletir sobre os diferentes territórios, para compreendê-los.

Esse trabalho se propõe a descrever a experiência vivenciada pela autora no assentamento Eli Vive II, a partir de um trabalho de campo proposto pela disciplina “A Lógica Territorial na gestão das Políticas Sociais do Programa, do programa de Pós-graduação em Serviço Social e Política Social da universidade Estadual de Londrina. O trabalho de campo consistiu em conhecer o Coletivo das Mulheres Camponesas que compõe o Projeto das Sacolas Camponesas. Portanto trata-se de um relato de experiência, de cunho descritivo-reflexivo, vivenciado em dezembro de 2023. Fez-se uma revisão de bibliografia a partir dos textos estudados e refletidos em sala de aula.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Conceituando o território.

Para Haesbaert (2004), os territórios são, referências espaciais na construção de identidades, se revestindo, assim, de diversas características simbólicas. (2009, p. 35). O território, segundo o autor é composto por três vertentes básicas, sendo a primeira sua dimensão política, espaços delimitados e controlados pelo poder institucionalizado do Estado, a segunda é a cultural, que prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva dos indivíduos e vincula os membros de determinado território em relação ao espaço vivido. E a terceira vertente, a econômica, que coloca o território como uma fonte de embate entre as classes



sociais estruturadas a partir de uma específica divisão social e territorial do trabalho (HAESBAERT, 2009, p. 40).

Haesbaert, acrescenta a essas três vertentes, outra denominada “natural”, se utiliza de uma noção de território com base nas relações entre sociedade e natureza. Espacialmente se refere ao comportamento nato do ser humano com seu ambiente físico. Posteriormente, uma nova perspectiva se acrescentou, à qual pode ser nominada como “natural(lista)” (2004, p.91).

O autor ressalta que o conceito de território se faz presente em todo processo histórico, que necessita ser desmistificado para que não se confunda com o conceito de espaço geográfico.

[...] o território numa perspectiva histórica, pode também ser amplo, generalizável a ponto de abranger toda história humana – constituindo assim um de seus componentes “ontológicos” -, ou ser visto de forma mais restrita, relacionando-se apenas a determinados contextos histórico-sociais. (Haesbaert, 2009, p. 77).

Para Santos, o território é um espaço socialmente construído, dinâmico e interdependente, centrado nas relações de poder, tendo o Estado como condutor desta engrenagem,

(...) considerar o espaço geográfico não como sinônimo de território, mas como território usado; e este é tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas. Tal ponto de vista permite uma consideração abrangente da totalidade das causas e dos efeitos do processo socioterritorial. (SANTOS, 2000, p.104).

As considerações sobre ‘território usado’ são fundamentais nas concepções de Santos (2000), sendo discutido para além do espaço geográfico em sua estrutura material. De acordo com esses entendimentos, o território usado é sinônimo de espaço humano, isto é, de espaço habitado. Neste sentido para compreender esse conceito, devemos traçar algumas reflexões sobre o espaço geográfico, uma vez que esse é anterior ao território, entendendo-o como uma instância social. Para o autor o território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares e conflitantes.

O território usado constitui-se como um todo complexo onde se tece uma trama de relações complementares conflitantes. Daí o vigor do conceito, convidando a pensar processualmente as relações estabelecidas entre o lugar, a formação socioespacial e o mundo. (SANTOS, 2000, p 3).

Continua o autor, assegurando que o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas, superpostas.

O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p. 7).



Ele dá continuidade reafirmando que é possível dizer que, a terra só assume sua importância histórica na medida em que é transformada continuamente pelo homem, dessa forma assume a dimensão de território usado. (Santos, 2000, p 13)

Para Queiroz (2015), a cada momento histórico, o território de um país pode ser visto como um campo de forças que operam sobre formas “naturais” e artificiais e essas formas têm um papel dinâmico.

Para Santos (2005), os marxistas enfatizaram os conceitos de modo de produção e de formação social, o geógrafo brasileiro alerta que não há uma formação social que também não seja espacial. Por isso, o autor propõe enfatizar a estrutura espacial da sociedade, denominando, as particularidades do modo de produção capitalista, de formação socioespacial, ou seja, a formação social ocorre simultaneamente com a formação espacial, assim, cada sociedade tem seu próprio espaço e sua própria formação socioespacial.

O autor, diz que não é o território em si a categoria de análise social, mas, o território usado (SANTOS, 1994). Nesse sentido, o território usado é simultaneamente material e social, composto por uma dialética, como o espaço geográfico. O território-forma é o espaço material e o território usado é o espaço material mais o espaço social. O território usado é constituído pelo território forma – espaço geográfico do Estado – e seu uso, apropriação, produção, ordenamento e organização pelos diversos agentes que o compõem: as firmas, as instituições – incluindo o próprio Estado – e as pessoas.

O lugar não está restrito à dimensão cultural ou simbólica do espaço, segundo Souza (2013), não é apenas uma relação social imaterial. Nem o lugar, segundo Tuan (1883) é entendido apenas como o espaço vivido. O lugar, assim como o território, segundo Santos (1996) é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; é vivido e percebido; é a dimensão espacial do cotidiano.

Enfim Queiroz (2014) diz que o lugar é o cotidiano de cada indivíduo, de cada grupo social, de cada agente do espaço. Como também, o lugar é território usado e espaço geográfico. Este é formado por diversos territórios e por diferentes lugares. E o território, que também é espaço geográfico, constitui-se de vários lugares. Há, portanto, uma dialética das escalas (espaço geográfico, território usado e lugar), que é a dialética da totalidade (mundo, formação socioespacial e cotidiano).

Portanto a totalidade para a compreensão da realidade deve ser analisada, de acordo com a obra de Milton Santos, a partir de três escalas, sendo a primeira é a totalidade mundo ou do modo de produção, o espaço geográfico, a segunda é a totalidade da formação socioespacial, o território usado e por último, a terceira escala se refere à totalidade do cotidiano, o lugar ou lugar-mundo.



Assim foram as apreensões a partir do cotidiano, o lugar do Coletivo das Mulheres Camponesas que residem em um Assentamento rural denominado Eli Vive II.

2.2 Coletivo Mulheres Camponesas: vivências, lutas e desafios

O Assentamento Eli Vive, dividido em I e II, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), está localizado em Lerroville, um dos distritos administrativos de Londrina/PR. Fundado em 2009, é a maior área da Reforma Agrária em região metropolitana do Brasil. Com mais de 500 famílias assentadas, tem mais de 3.000 moradores, tem em suas conquistas, duas escolas municipais e uma estadual que atendem em torno de 400 crianças e adolescentes, unidade básica de saúde, a cooperativa Copacon que é referência na produção de alimentos entregando cerca de 10 toneladas por semana de alimentos ao Programa Nacional de Alimentos Escolar (PNAE).

Compondo o Assentamento, está o Coletivo das Mulheres Camponesas, criado em 2016 com o intuito de compartilharem experiências sobre plantio e colheita, sobretudo para gerar renda. Após um aumento relevante em sua produção, o Coletivo vivenciou grande transformação em parceria com a Universidade Estadual de Londrina a partir de um Projeto de Extensão, resultando em especialização e grande avanço na produção e comercialização de alimentos agroecológicos.

E, foram essas mulheres que receberam em dezembro de 2023, com um farto café da manhã, com produtos produzidos por elas mesmas, alunos e professores da disciplina “ A Lógica Territorial das Políticas Sociais” ministrada por docentes do Serviço Social e da Geografia, em um trabalho de campo, onde elas puderam nos contemplar com suas riquíssimas histórias de vida, vivências, experiências, grandes desafios e lutas para conquistar sua terra, seu alimento e sua renda, no território usado, conquistado.

Figura 1 e 2:



Fonte: trabalho de campo; 2023.

Para Saquet (2009, p.77) “o espaço é uma realidade relacional, envolvendo a natureza e a sociedade mediadas pelo trabalho (energia), técnicas, tecnologias e, evidentemente, pelo conhecimento”.

Um ponto a ser destacado aqui a partir do trabalho de campo, é o orgulho do trabalho, empregado nas falas dessas mulheres ao descreverem suas conquistas. Mulheres, que hoje tem sua renda e liberdade financeira, através de um trabalho que há pouco tempo, majoritariamente era desenvolvido por homens. Essa organização de mulheres para compor o grupo surgiu da necessidade de terem renda a partir da terra e não só a moradia e principalmente para estarem mais nesse local que tem tanta importância para elas. Além do cultivo da soja, feijão, trigo, produzir hortaliças sem agrotóxicos seria a maneira de proteger os membros da família por uma alimentação saudável, bem como ofertar para quem dela queira consumir. Se dividiram nas produções e se juntaram na colocação dos produtos, na produção e comercialização das hortaliças.

Outro ponto observado, tão importante quanto o primeiro, está o reconhecimento que, estar lá naquele lugar, só foi possível com muita resistência e luta e o papel fundamental que ocupam dentro dos movimentos sociais rurais.

“Lugar é o cotidiano de cada indivíduo, de cada grupo social, de cada agente do espaço. Como também, o lugar é território usado e espaço geográfico. Este é formado por diversos territórios e por diferentes lugares. E o território, que também é espaço geográfico, constitui-se de vários lugares”. (QUEIROZ, 2014, p. 159).

Portanto, entendemos que o território, vai muito além da extensão geográfica, e sim, é um produto das relações sociais, econômicas e políticas, sobretudo da disputa de correlação de forças da classe trabalhadora com os detentores do meio de produção.



O conceito de território usado para Santos (2007, p.22), é o espaço de todas as dimensões, de todas as determinações da totalidade social. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida, foi o que observamos nesse trabalho de campo.

Dentro desta análise, foi possível ver materializado em uma fala de uma camponesa que cresceu dentro do MST, que tem uma história dentro deste contexto, que em certo momento até tentou morar na cidade e sair dali para ficar mais próxima dos filhos, pois os filhos já adultos, moram na cidade, tem empregos tradicionais e fizeram faculdade pois não se identificam com a vida rural, de resistência dentro dos movimentos sociais, porém ela não conseguiu morar fora dali, pois não consegue imaginar a vida longe da sua terra, conquistada com tanto esforço e trabalho. Ela afirma que ali, se alimenta de produtos plantados, que respira ar puro, que vive longe dos barulhos que uma cidade tem, que tem em seu espaço, paz.

A partir da observação realizada durante o trabalho de campo no Eli Vive II, nota-se que a agroecologia está inserida como uma prática sustentável, pois as mulheres desenvolvem o plantio e manejo dos produtos, sem uso de agrotóxicos, inseticidas e adubos químicos, destacados nas imagens abaixo.

Figura 3 e 4:



Fonte: trabalho de campo; 2023.

Essas práticas garantem a produção desse coletivo, produtos orgânicos e de excelente qualidade para ser entregue ao mercado consumidor, a comercialização desses produtos faz parte das estratégias criadas por essas mulheres para aumentar a renda.



Como as mulheres são as responsáveis pela elaboração do alimento diário da família, essa preocupação as afeta muito mais diretamente. Nesse momento inferimos que muitas mulheres possuem consciência da importância de uma alimentação saudável para si, para a família e para a própria terra.

Para Singer (2002, p. 24/25), “a sustentabilidade dos empreendimentos econômicos solidários está relacionada às atividades desenvolvidas e que tenham como fundamento o cuidado com a natureza e a conservação do meio ambiente”. Observa-se nesse coletivo que está presente os princípios da diversidade cultural, o reconhecimento das etnias, das religiosidades, enfim das práticas sociais, dos modos de vida, bem como da organização dessas mulheres.

Colocar o território em perspectiva remete a esse processo de conexão entre a multiplicidade de fatores que interferem nas condições de vida dos cidadãos em determinados lugares, e que configuram os contextos em que se encontram inseridos. (Koga, 2023)

Nos foi relatado que houve importante queda nas vendas dos produtos, principalmente pós pandemia, em isto tem trazido dificuldades, como por exemplo gastos com o transporte até a cidade e surgem observações como a falta de incentivo público e o não reconhecimento do Estado com o trabalho que é desenvolvido ali, produtos agroecológicos e orgânicos que poderiam beneficiar toda a população e que, se não fosse a parceria que existe entre os próprios assentados, o trabalho provavelmente em dado momento teria que ser interrompido.

A territorialidade desse assentamento já se delineia pela presença de espaços como o de uma escola que abriga as crianças. Em dado momento quando estamos próximo à escola, uma das mulheres, após relatar grande orgulho apresentando a estrutura desse equipamento da educação, com orgulho destaca que foi construída pelas mãos dos moradores, porém diz com indignação, não concordar com as famílias que moram ali e que levam seus filhos para estudar na cidade, afirmando não achar correto pois a escola só foi possível com muita luta e empenho de quem ali reside e que os professores são os mesmos das escolas na cidade, o que não faria sentido levá-las até lá, pois isso enfraquece o Movimento. Outro importante espaço para diversas atividades, incluindo a organização desse coletivo para reuniões, está o barracão comunitário denominado Espaço Marielle Franco, conquista dos próprios moradores, incluindo sua construção. Esse espaço abrigou, no dia do trabalho de campo, os docentes e discentes, bem como foi o lugar onde foi servido um delicioso café da manhã preparado pelas integrantes do Coletivo.

Figura 5 e 6



Fonte: trabalho de campo; 2023.

Ao andarmos por uma pequena parte do Assentamento, foi possível perceber que ainda há casas com estruturas bastante precárias. Vale dizer que são quilômetros de estrada de chão até chegar ao Assentamento, e uma questão levantada é a grande dificuldade de locomoção em dias de chuva por exemplo. O próprio trabalho de campo proposto pelos professores não seria possível se estivesse chovendo naquele dia.

Seguindo o relato das mulheres, há escassez de água no Assentamento. De acordo com um delas, foi buscado recurso financeiro em um Banco e contratação de uma empresa para encontrar água, porém não houve resultado; a água não “vingou” segundo ela, e sim uma dívida contraída e que levará anos para quitá-la. Observa-se que esse fato dá origem a um conflito gerado pela ineficácia das políticas públicas da reforma agrária que não define as prioridades no uso da água, desde o momento em que cria uma área reformada.

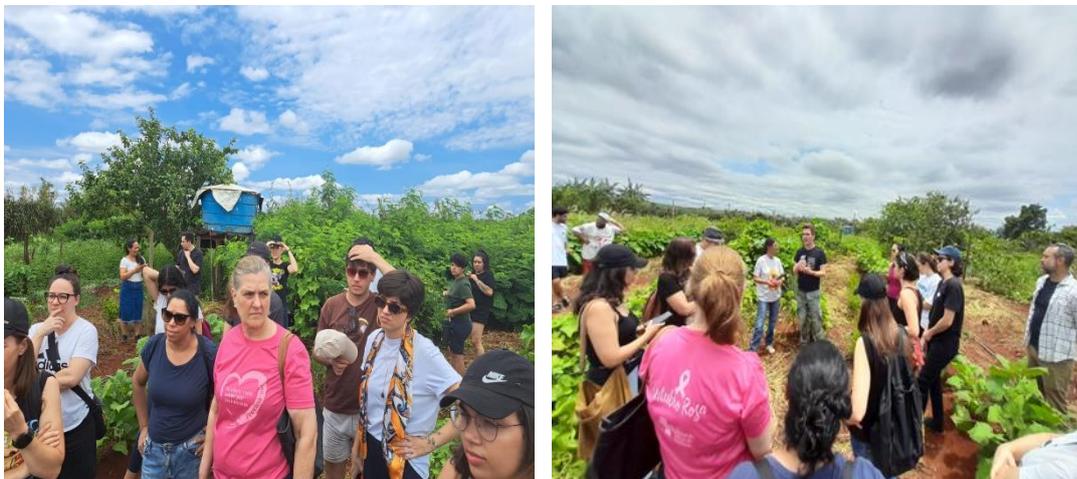
Ao final do trabalho de campo tivemos uma experiência única, que foi visitar um lote que produz os orgânicos. Então, em meio à plantação, tivemos uma aula do Prof Nilson Fraga falando sobre a luta por um pedaço de terra, destacando que a territorialização se dá a partir do momento em que começa a colocar as mãos nela, uma sensação de pertencer ao mundo, da existência, do alimento, momento este ímpar, ao relacionar o conteúdo ministrado em sala de aula com o trabalho de campo, agraciados de uma mensagem no grupo de watshap pelo professor:

Gentes, muito obrigado, foi um dia lindo, de convivências sobre outras territorialidades para nós! Para elas, foi um dia de feira e alegria, somando as compras de vocês e o valor que repassei para o café, elas ficar com pouco mais de 1200 reais. Muito bom isso, uma troca de saberes, conhecimentos, produtos e encontros!³ (FRAGA, 2023.).

³ Mensagem encaminhada pelo Prof. Nilson Fraga no grupo de watshap aos discentes após trabalho de campo do dia 09.12.2023.



Figura 7 e 8:



Fonte: trabalho de Campo; 2023.

Portanto, não é possível entender o território ignorando as relações políticas, econômicas e sociais que se estabelecem no modo de produção ao qual estamos inseridos. Somente entendendo essas relações, em sua totalidade, é possível propor políticas públicas que atendam as especificidades daquele determinado território. Concordamos com Santos (2007) quando o autor enfatizava a necessidade de uma abordagem crítica e dialética ao estudar os territórios, levando em consideração tanto os aspectos locais quanto globais, as relações de poder e as contradições presentes nos territórios e acrescentamos o trabalho de campo que segundo Marcos (2006), enquanto recurso didático,

“...é o momento em que podemos visualizar o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se ‘materializa’ diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo que ele não se transforme numa ‘excursão recreativa’ sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento” (MARCOS, 2006, p.6).

Destacamos aqui essa importante contribuição da academia, mas o protagonismo desse coletivo de mulheres do assentamento Eli Vive II nos impressionou ao observarmos as transformações em seu cotidiano e vida, por meio do trabalho com a terra e para além dela.

3. CONCLUSÕES

Este estudo buscou dar destaque às mulheres camponesas, um coletivo de mulheres que se juntou para produzir alimentos orgânicos, sem agrotóxicos, fato que as fazem



protagonizarem transformações cotidianas e sociais, desafiando normas de gênero tradicionais. Ao fomentar uma cultura de inclusão, o Coletivo derruba barreiras criando uma sociedade mais equitativa e justa.

O Coletivo de Mulheres Camponesas serve como espaço de solidariedade e empoderamento entre as mulheres desta comunidade rural, contribuindo para troca de experiências e apoio mútuo na superação de diversos desafios que enfrentam, sendo resistência em meio às lutas contra o sistema capitalista absolutamente predatório.

Essas mulheres têm conquistado muitos espaços, tanto dentro como fora do núcleo familiar, estabelecendo novos conceitos sobre alimento saudável, protegendo seus familiares, bem como a sociedade onde estão inseridas. A partir da observação no trabalho de campo foi possível perceber a organização política presente nas ações das mulheres desse coletivo.

Cabe ressaltar aqui a importância dos espaços coletivos democráticos e de cooperação construídos pelo assentamento, voltados para os grupos produtivos, que foram influenciados pela capacidade organizativa, orientadas pelo MST e projeto de extensão da UEL, mostrando-se importantes para a construção de uma consciência do lugar ocupada pelos acampados.

Quanta riqueza de aprendizados nesta disciplina, nas aulas em sala e hoje nesta visita! Realmente muito gratificante!! Obrigada professores e colegas da Disciplina!! Gratidão ao coletivo das Camponesas do Ele Vive 2!! (Discente, 2023).

Desta forma, entende-se que o território e o lugar vão muito além da extensão geográfica, pois é um produto das relações sociais, econômicas e políticas, sobretudo da disputa de correlação de forças da classe trabalhadora com os detentores do meio de produção. O lugar refere-se também à dimensão subjetiva e emocional de uma área onde as pessoas que ali vivem desenvolvem conexões profundas e significativas.

A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida e foi o que observamos nesse trabalho de campo.

E o sentimento de pertencimento fica materializado nas falas das mulheres do Coletivo, indicando essa ligação profunda e significativa com aquele lugar em que vivem, trabalham, tem laços culturais e históricos e colhem os frutos de seu trabalho semeado com suas próprias mãos. Portanto vai muito além de um espaço físico; é sobre sentir-se conectado e enraizado ao lugar assim como seus produtos plantados naquele espaço que criam marcas e raízes fortes e profundas.



REFERÊNCIAS

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. O Mito da Desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Bertrand Brasil, 2009.

KOGA, Dirce. Territórios de vivência entre chegadas e partidas. In: DAL BELLO, Marília Gonçalves; GODOI, Sueli; BERNARDINO, Virgílio Manuel Pereira (org.) Território e gestão de políticas públicas: contribuições ao debate. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

MARCOS, Valéria de. Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante. IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 105 – 136, 2006. Disponível em: < www.agbsaopaulo.org.br/ >. Acesso em: 7 de março de 2024.

QUEIROZ, T. A. N. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. Para Onde!?, 8 (2): 154-161, ago. /dez. 2014. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, Brasil.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço** - Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, M. O papel ativo da Geografia um manifesto. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, pp. 103-109, jul./dez., 2000.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, M. O espaço do cidadão. 7 ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SPOSITO, E.S. e SAQUET, M. A. Territórios e Territorialidades – teorias, processos e conflitos. territorial (ou: do hibridismo cultural á essencialização das identidades). In: Territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro. p. 93-123.

SINGER, Paul. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

<https://mst.org.br/2022/03/19/lula-visita-assentamento-do-mst-em-londrina-pr/>, Acesso em 06/02/2024.

[https://mst.org.br/2022/02/22/Escola, produção e futebol: as conquistas do assentamento Eli Vive, que completa 13 anos - MST](https://mst.org.br/2022/02/22/Escola,producao_e_futebol:_as_conquistas_do_assentamento_Eli_Vive,_que_completa_13_anos_-_MST), Acesso em 06/02/2024.